

AUMENTO DO CONSUMO DURANTE A PANDEMIA E QUEDA NA OFERTA FAZ PREÇO DO CAFÉ REAGIR NO MERCADO, MAS CUSTOS DE PRODUÇÃO PREOCUPAM

A safra de café colhida no Brasil em 2021 foi marcada por uma série de desafios o que reduziu a oferta dos grãos no mercado. Além da já esperada queda em decorrência da bialidade negativa, condições climáticas adversas como as piores geadas em quase 30 anos e a pior seca em mais de 90 anos que afetaram os principais estados produtores como Minas Gerais, São Paulo e Paraná, houve intercorrências relacionadas à logística e a desvalorização cambial do real frente ao dólar. Somado a esses fatores está o aumento no consumo mundial da bebida durante a pandemia da Covid-19.

Relacionado ao maior consumo de café está uma mudança no mercado brasileiro, com o fechamento de cafeterias, as vendas online da bebida subiram contrariando as expectativas do setor e contribuindo para as elevações dos preços. De acordo com a Associação Brasileira da Indústria de Café (Abic), esse movimento observado foi atípico e inesperado. No Gráfico 1 estão representados os volumes de produção e de consumo de café

no mundo entre 2009/2010 e 2021/2022. Segundo dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, o consumo previsto supera em 132 mil sacas a produção estimada para a safra 2021/22.

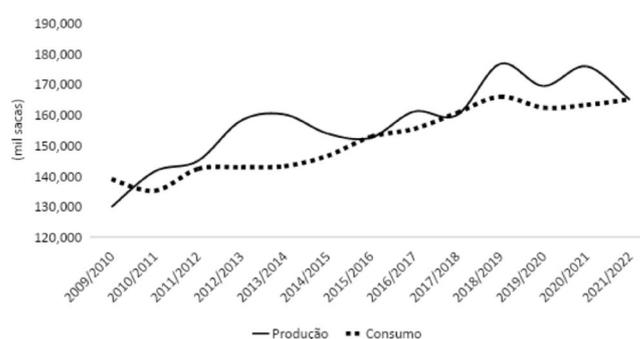


Gráfico 1. Produção e consumo mundial de café por safra (em mil sacas de 60kg).

Fonte: USDA - Departamento de Agricultura dos Estados Unidos.

Elaboração: CIM/UFLA.

Nota: Safra 2021/2022 corresponde à colhida em 2021 no Brasil.

Os volumes de produção e consumo são os principais fatores com efeitos diretos e imediatos sobre a formação dos preços do grão. Mas, cabe elencar que aspectos logísticos e cambiais observados também contribuíram para os preços mais elevados observados no Brasil. Os problemas logísticos como a falta de contêiner para exportação do grão, em razão da pandemia de Covid-19 provocou uma desorganização das cadeias de suplementos globais, impactando diretamente nas disponibilidades de café para exportação e reduzindo os estoques internacionais que por sua vez refletiram em altas dos preços do café.

Outro elemento que contribuiu para a elevação dos preços é a desvalorização do real frente ao dólar, tornando o café brasileiro ainda mais competitivo no mercado internacional (Gráfico 2). Com isso, muitos países importadores buscam nessa oportunidade a possibilidade de aumentar seus estoques reguladores. Dessa forma, o produtor que ainda possui café para comercializar acaba aproveitando o mercado aquecido, com preços refletindo a desvalorização cambial (R\$/US\$).

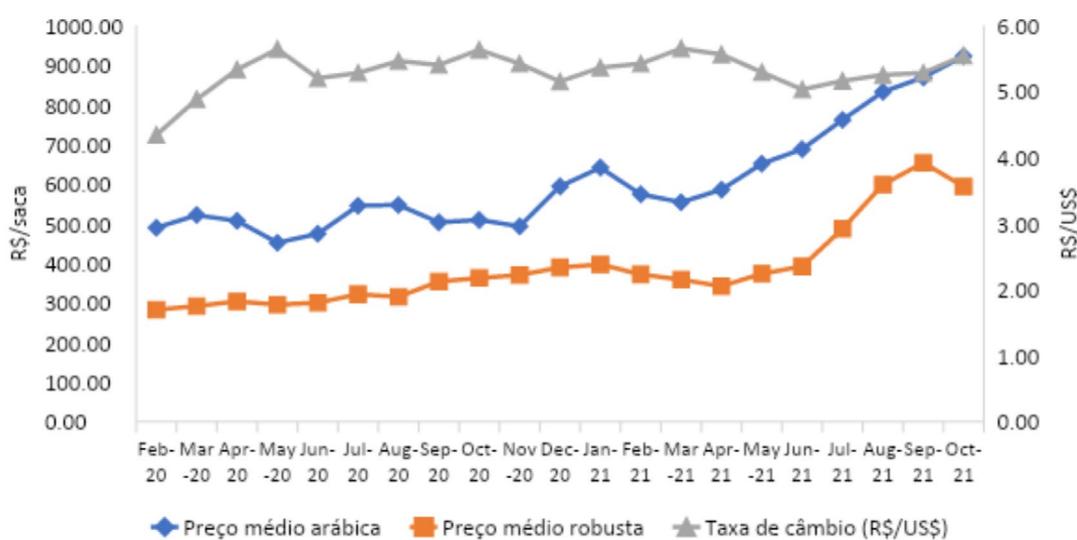


Gráfico 2. Taxa de câmbio e preços médios de café de fev/20 a out/21.

Fonte: Projeto Campo Futuro (CNA/Senar).

Elaboração: CIM/UFLA.

Em relação aos preços médios do café arábica e conillon observados pelo Projeto Campo Futuro (CNA/Senar) (Gráfico 2), o primeiro atingiu preços recordes nos últimos meses, justificados pela relação entre oferta e demanda, taxa de câmbio e incertezas quanto a produção. Destacando as informações do último dia 17 de novembro, os contratos futuros negociados na bolsa de Nova York (ICE Futures) atingiram os maiores valores em nove anos e meio.

Já em relação ao café robusta, houve queda nas cotações em outubro de 2021 em relação ao mês anterior devido à redução na demanda por parte das torrefadoras durante o período em análise.

Por outro lado, os insumos apresentaram aumentos expressivos. A alta dos combustíveis impacta diretamente os custos com atividades mecanizadas e nos fretes para compra de insumos e entrega do café. De maneira geral, essa situação se reflete para a matéria prima de cada insumo agrícola que agrava da com problemas logísticos enfrentados pela pandemia interferem na formação dos preços desses produtos.

Insumos de dependência externa tem o panorama mais agravado pela forte influência do dólar na aquisição dos itens de consumo. Este é o caso dos fertilizantes, que além de ter problemas com a disponibilidade tem os preços mais elevados pois existe a necessidade de se importar grande parte da matéria prima.

Neste cenário, o produtor defronta com corretivos, fertilizantes e defensivos mais caros o que impacta em um Custo Operacional Efetivo (COE) mais elevado. Um exemplo é a variação observada no modal produtivo (propriedade típica) de Capelinha (MG), conforme o Gráfico 3. Somente entre os meses de set/2021 e out/2021, os custos com insumos encareceram 15,0%, refletindo num aumento de 7,8% no COE.

Ao longo da safra esses valores devem se agravar mais, equilibrando ou até superando os ganhos reais com a receita, fato que acende o sinal de alerta dos produtores.

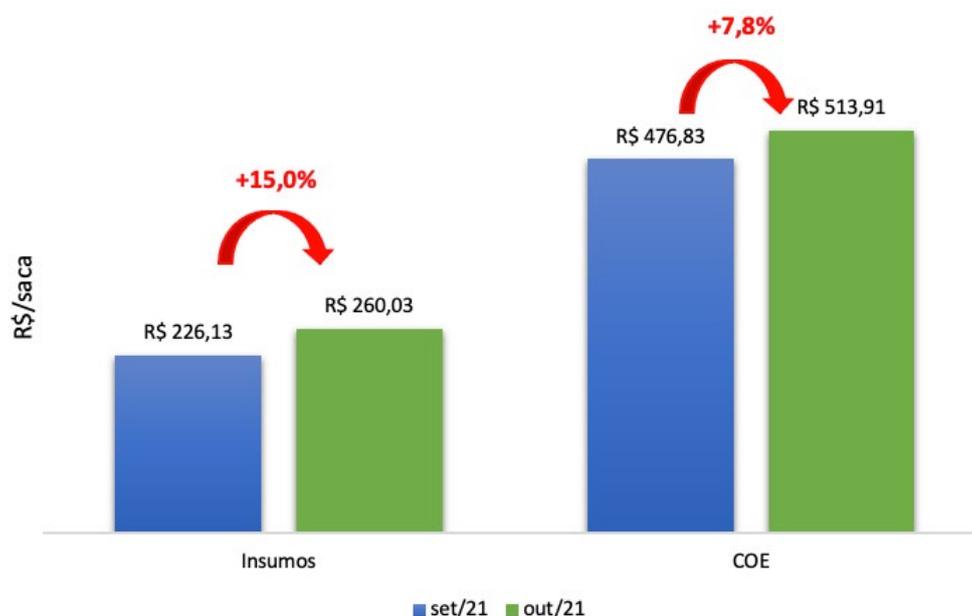


Gráfico 3. Variação dos custos com insumos e COE em Capelinha (MG) para a produção de café entre set/21 a out/21.

Fonte: Projeto Campo Futuro (CNA/Senar).

Elaboração: CIM/UFLA.

O mercado de café, portanto, vive a expectativa de uma safra mundial menor em 2022, reflexo dos impactos causados pelas geadas nas lavouras e o longo período de estiagem durante a florada da cultura no Brasil, além da chance de o fenômeno La Niña aumentar o volume de chuvas na Colômbia e no Vietnã - outros países produtores.

Contudo, deve-se considerar que os prejuízos para a próxima safra (2022/23) são ainda arbitrários no Brasil, o cenário de incertezas

em relação ao impacto promovido pelos bons volumes de chuva nas principais regiões produtoras nos últimos meses e a indefinição de quanto e em qual intensidade as lavouras afetadas pelas geadas foram podadas balanceiam essa equação.

Tais fatores contribuem para o aumento das incertezas quanto a oferta global da commodity e, conseqüentemente, fazem o mercado nos próximos meses manter a volatilidade.